

AMANDA MARTINS/DIVULGAÇÃO/JC



Na órbita cultural da capital gaúcha, bandas como Viana Moog, artistas, selos e produtores edificaram, ao longo de décadas, redes próprias na Região Metropolitana

músico e também canoense Luiz Paulo Zanolato, o Cisco, percebeu uma situação que se repetia nos shows, festivais e espaços independentes da Região Metropolitana. “Bah! Só a gente de preto aqui de novo!”, pensava, ao se deparar com a recorrência.

A constatação passou a causar incômodo: a falta de representatividade negra entre os artistas locais já não podia ser ignorada. Conspirando com os comparsas Dionata Mosley e Aleph Brasil, começou a ganhar força uma então ainda latente provocação: “Quando vamos montar uma banda de negro?”. E assim nasceu a Fungo Preto. A formulação estética (e teórica) forjada pelos integrantes, todos negros, partiu do afrofuturismo e do afropresentismo. Na musicalidade, por sua vez, reverberam inspirações como Boogarins e Oruã.

A experiência racial também atravessa a trajetória do trio, marcada pelo colorismo e pela sensação de não pertencimento. “Somos pretos demais para sermos brancos e brancos demais para sermos pretos.” A frase de Cisco condensa uma das contradições que atravessam essa história: estar entre lugares, códigos e identidades sem se reconhecer inteiramente em nenhum deles. É desse atrito que nasce a ideia de *Negrogaze*, primeiro EP do grupo, previsto para o início de 2027, com quatro faixas instrumentais. O título, um trocadilho com o esbranquiçado *shoegaze*, transforma a própria experiência em linguagem.

Ao evocar o bageense Luís Vagner, o Guitarrero, Cisco encontra ainda outra chave para essa afirmação. Em alusão ao álbum lançado pelo músico em 1993, Cisco recorre a um verso que parece dialogar com a própria questão que percorre este mapa: “Vai dizer que não me viu?”. Talvez seja justamente essa a reivindicação que atravessa as diferentes gerações retratadas aqui: não apenas criar a partir de outro território, mas fazer com que ele seja finalmente visto, ouvido e, principalmente, reconhecido.

Leia mais na página central

Reportagem Cultural

Cartografia Sônica de um Vertiplano Marginal

Cristiano Bastos, especial para o JC

“Eu era um degredado de São Hell.”

A declaração de Everton Cidade, poeta, compositor, agitador cultural e fundador de bandas como Viana Moog, Santo Suzuki e Siléste, sintetiza uma experiência que atravessou boa parte da produção musical vicejada em municípios do entorno de Porto Alegre. Crescido em São Leopoldo, no Vale do Sinos, Cidade conheceu cedo a sensação de estar perto da Capital, mas não pertencer inteiramente à sua dinâmica cultural. Roupas, cabelo, gírias e modos de circular podiam denunciar uma origem que não se encaixava. “Antes mesmo de subir em um palco, reinava a sensação de já chegar derrotado”, reflete.

Essa experiência à margem encontra uma espécie de significação no título de uma feérica

gema poética de Everton. *Vertiplano*, cáustica canção presente no primeiro álbum da Viana Moog (recentemente saíram-se com o elogiado *extended play* intitulado *PU*) oferece uma imagem precisa para esse lugar intermediário, cambiante entre a possibilidade de elevação com a quase certeza de quedar-se no chão. Para Everton, porém, essa posição também significava reinventar.

É nesse espaço entre a periferia e o centro que, desde o início dos anos 1990, se insere a Big Zen VooDoo. A banda forjou sua identidade a partir da vivência periférica, sem se limitar a ela. O guitarrista César Fraga descreve sua orientação estética como um “som suburbano de olho no mundo”, capaz de incorporar contradições, personagens e influências provenientes de diferentes vertentes culturais.

Tão longe, tão perto da mo-

vimentação musical de Porto Alegre e de outras capitais, a Big Zen VooDoo também se manteve próxima da tradição do chamado ‘rock gaúcho’. Transformou, porém, o ‘despertencimento’ em matéria de criação.

Nos anos 2000, levou essa proposta adiante de forma independente e alcançou certa projeção com a divulgação e a distribuição nacional de seu segundo álbum, *A Revolta dos Homens-Sanduíche Contra o Império do Fast Food*.

Originária de Guaíba, a Superguidis seria posteriormente alçada nacionalmente, com grande projeção. Na avaliação de Andrio Maquenzi, guitarrista e compositor do grupo, fazer música a partir de Guaíba produzia, naquela época, uma combinação de pertencimento e “marginalidade”.

“Ter uma banda morando longe da Capital dava um senti-

mento massa de pertencer e estar à margem, de ser uma condição mais desafiadora à medida que ficava mais difícil acessar informação – loja de discos não tinha na Guaíba dos anos 1990-2000, com seus menos de 100 mil habitantes”, filosofa.

Tal escassez, acrescenta o guitarrista, também estimulava a criação de alternativas. Guaíba aparece, em sua lembrança, como uma espécie de New Jersey às margens de uma Nova York que se avistava do outro lado do rio. “Lá a gente vivia na nossa versão bem menos aparelhada de uma New Jersey, enquanto organizávamos festivais de rock dentro de um baillão no bairro Colina”, coteja.

Mas a construção dessas redes próprias, por outro lado, igualmente expõe, contemporaneamente, quem permanece do lado de fora. A despeito disso, o



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Auto da Compadecida: o grande teatro

Montar o texto clássico super conhecido e apresentado, em diferentes plataformas e maneiras, da comédia *O auto da Compadecida* é um desafio que só experientados diretores como Gabriel Villela ousariam enfrentar. O formato dramático do texto remete ao teatro medieval, que se valia de personagens de santos, neste caso, inclusive Jesus Cristo e a Virgem Maria, para os seus enredos, na tentativa de captar a atenção e cooptar os crentes. Suassuna produziu quase uma dezena de textos dramáticos, sempre sob esta inspiração, transformando, inclusive, algumas comédias gregas antigas - ou comédias romances, em especial de Terêncio, de vocabulário e situações menos agressivas - reambientando seus enredos no Nordeste brasileiro. Não é diferente com *O Auto da Compadecida*, que se refere à Virgem, assim denominada pelo catolicismo, a 'compadecida', por ser sempre invocada por aqueles que estejam desesperados em suas situações-limite - no caso, uma série de personagens, que vai de um bispo a um sacerdote, um cangaceiro, um coronel sertanejo um padeiro ambicioso e sua adúltera mulher, passando por duas figuras populares e socialmente marginais, que remetem à figura dos picaros da narrativa medieval espanhola. A obra, dedicada ao também dramaturgo, romancista e diretor de teatro Hermilo Borba Filho, estreou no Primeiro Festival de Amadores Nacionais, no Rio de Janeiro, em janeiro de 1957, sob a direção de Clênio Wanderley. O sucesso foi imediato e nunca mais deixou de acontecer, por mais bem conhecido que seja seu enredo. Ou melhor, talvez justamente por causa disso. Como no caso do teatro grego de antes de Cristo, a gente vai assistir sabendo tudo, mas querendo descobrir a maneira (diferente, nova, inesperada) com que o diretor vai mostrar aquele enredo.

Gabriel Villela não se fez de rogado. Com o grupo Maria Cutia, dedicado especialmente ao teatro de rua desde sua fundação, em 2006, revisita *O auto da Compadecida*, que estreou em 2019 e segue no cardápio do grupo, valendo-lhe inclusive, o convite para o Porto Alegre em Cena.

O espaço do CHC Santa Casa certamente não era o melhor. O cenário ficou

apertado, mas o grupo resolveu bem a questão. O que fez Villela? Este é tipicamente um espetáculo a que Oswald de Andrade denominaria de antropofágico. Partindo da característica farsesca do texto, Villela corta algumas passagens, valorizando a trama central: a vingança de João Grilo contra seus patrões, pelos maus tratos que ele e Chicó sofrem. Ao mesmo tempo, surge a crítica à Igreja enquanto instituição vendida à hierarquia do dinheiro: o cachorro de um pobre coitado certamente não pode ser enterrado com alguma oração, mas o cachorro do Coronel Antonio Moraes o pode, desde que haja algum dinheiro para repartir entre o bispo, o sacerdote e o sacristão.

Enquanto farsa, não nos admiramos da chegada do Demônio, na figura do Encourado, uma das tradições da cultura popular nordestina e, depois, do Cristo - o ator deve ser negro - e da Compadecida (que, por seu lado, é branca, bem representando o sincretismo das raças no país). João Grilo, morto pelo cangaceiro Severino do Aracaju, antes de ser condenado apela à mãe de Jesus. Por um ou outro motivo, corroborado pela Virgem, ele alcança salvar a todos os demais. Quando indagado sobre sua sorte, pede para voltar a viver. É como o retorno do Purgatório da religião católica, no que é atendido.

O cenário sintetiza, em cinco pequenos palcos móveis, os teatros mambembes populares, desde os *corrales* espanhóis. Os figurinos, como estes cenários, são extremamente coloridos. Até aqui, temos tudo dentro de certa tradição. A novidade, mesmo, é a trilha sonora, que incorpora canções populares, peças do cancionário dos anos 1950 e 1960, de modo que, a todo momento, o espectador é levado a cantarolar com os personagens a música que ocupa seus espaços, vitalizando o enredo. O resultado é extraordinário, com um rejuvenescimento entusiasmante de todo o texto e, por consequência, do espetáculo em si mesmo. Destaque, neste caso, ao enredo, que tem uma vitalidade surpreendente, com sete intérpretes altamente capacitados. A hora e meia do espetáculo passa sem que a gente se dê conta. E o teatro é, mais uma vez, o grande vencedor.

THIELE ELISSA/DIVULGAÇÃO/JC



Agenda vai de 10 a 31 de outubro e reúne oficinas, feira de livros, espetáculo teatral, cinema e jogos

CCMQ promove programação gratuita para o Mês das Crianças

A Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) promove, entre os dias 10 e 31 de outubro, uma programação especial e gratuita em celebração ao Mês das Crianças. Voltada para o público infantil e suas famílias, a agenda reúne oficinas, feira literária, espetáculo teatral, exibição de cinema e jogos. As ações buscam ampliar o acesso de crianças às artes e integrá-las aos diferentes espaços do complexo cultural. Confira a programação completa nos sites do JC e da CCMQ.

A programação abre no dia 10 com a oficina *Sanfonada Cultural* e segue

no dia 11 com o espetáculo *Preta, Preta, Pretinha*. Nos dias 17 e 18, acontecem o Circuito de Brincadeiras, a Feira Infantil Literária, oficinas de teatro de sombras e contação de histórias. As atividades encerram no dia 24 com o clássico teatral *Lili Invento o Mundo*, campeonato de jogos e a exibição do filme *Toy Story*.

A iniciativa integra o plano bianual da CCMQ, financiado pela Lei Rouanet e apresentado pela Petrobras, com patrocínio do Banrisul e BRDE, apoio de Tintas Renner e iSend, e realização do Ministério da Cultura.

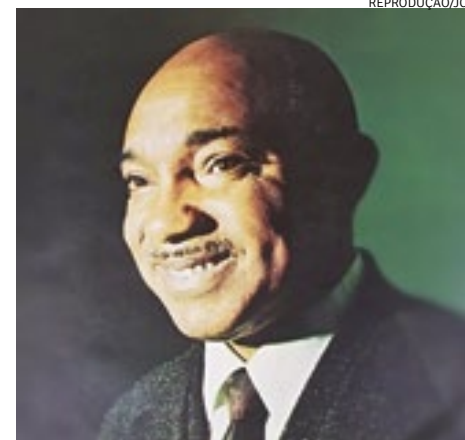
Celebração a Lupicínio Rodrigues em formato de rádio ao vivo

A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) apresenta o concerto *Lupi Vive: uma homenagem ao compositor Lupicínio Rodrigues* nesta sexta-feira, às 20h, no Complexo Cultural Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501). Com concepção do regente assistente e violinista Arthur Barbosa, a apresentação recria a atmosfera dos programas de rádio ao vivo das décadas de 1940 e 1950. Os ingressos variam entre R\$ 15,00 e R\$ 70,00 e estão disponíveis na plataforma Sympla e na bilheteria local.

No espetáculo, o ator e cantor Álvaro Rosa Costa encarna o próprio Lupicínio Rodrigues, conduzindo a narrativa e revelando os bastidores de clássicos da dor de cotovelo como *Nervos de Aço*, *Se Acaso Você Chegasse*, *Vingança* e *Esses Moços*. Ao seu lado, as cantoras Andréa Cavaleiro e Glau Barros dividem os vocais interpretando as "rainhas do rádio"

da época. A programação conta ainda com a palestra prévia *Notas de Concerto*, ministrada pelo pesquisador e biógrafo Arthur de Faria às 19h. O evento terá transmissão ao vivo pelo canal da Ospa no YouTube.

REPRODUÇÃO/JC



Espectáculo celebra Era de Ouro do Rádio

fique ligado

Versão contemporânea de Os Saltimbancos

O espetáculo musical *DDD Saltimbancos* – DISCO/nectados, DESCartados, DIZsonantes realiza apresentação única neste sábado, às 20h, no Teatro Simões Lopes Neto, localizado no Multipalco Eva Sopher (Riachuelo, 1.089). Com dramaturgia original e direção de Juliana Barros, a montagem é livremente inspirada no clássico *Os Saltimbancos*, de Chico Buarque, para propor reflexões sobre pertencimento e resistência artística no contexto contemporâneo. Os ingressos variam de R\$ 10,00 a R\$ 40,00 e estão disponíveis no site do Theatro São Pedro e na bilheteria local.

A encenação acompanha um grupo de artistas esquecidos pelos algoritmos que se reúne em um teatro abandonado durante



DIOGO VAZ/DIVULGAÇÃO/JC

Espectáculo dirigido por Juliana Barros é atração no Simões Lopes Neto

um apagão global. Sob direção musical de Everton Rodrigues e direção de movimentos de Angela Spiazzi, o elenco executa a trilha sonora ao vivo, combinando canções autorais e influências da

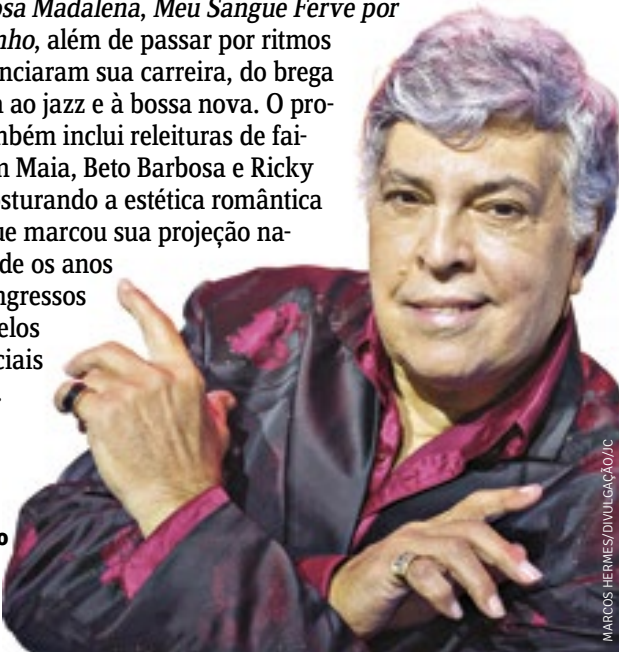
MPB, soul, pop e rock. A atração integra a programação do projeto Banrisul Mulheres da Cena Gaúcha, que homenageia a trajetória de nove diretoras gaúchas ao longo da temporada no Multipalco.

O público chama por Sidney Magal - e ele vai

O cantor Sidney Magal apresenta neste domingo, às 20h, o show *Me Chama que Eu Vou* no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). Celebrando cinco décadas de trajetória na música brasileira, a apresentação promete um repertório dançante e de forte interação com o público. Os ingressos estão à venda na plataforma Sympla, por valores a partir de R\$ 90,00.

No palco, Magal interpreta seus maiores clássicos, como *Sandra Rosa Madalena*, *Meu Sangue Ferve por Você* e *Tenho*, além de passar por ritmos que influenciaram sua carreira, do brega e lambada ao jazz e à bossa nova. O programa também inclui releituras de faixas de Tim Maia, Beto Barbosa e Ricky Martin, costurando a estética romântica e latina que marcou sua projeção nacional desde os anos 1970. Há ingressos à venda pelos canais oficiais do evento.

Espectáculo acontece no Auditório Araújo Vianna



MARCOS HERMES/DIVULGAÇÃO/JC

Festival de Percussão Ecarta Musical

A Fundação Ecarta promove, durante os quatro sábados de outubro (dias 10, 17, 24 e 31), a 4ª edição do Festival de Percussão Ecarta Musical, na Avenida João Pessoa, 943. Sob curadoria de Cândido de Castro, o projeto promove dez oficinas que abordam instrumentos e tradições sonoras do Brasil, da África Ocidental, do Oriente Médio e da América Latina, como o sopapo afro-gaúcho, o *derbake*, o bombo leguero, o *handpan* e as castanholas. Inscrições no site da Ecarta, com investimento entre R\$ 130,00 e R\$ 150,00 por atividade.

Nesta edição, o festival homenageia o percussionista gaúcho Fernando do Ó por suas quatro décadas de contribuição à música brasileira e internacional. A programação se encerra no dia 31 de outubro, às 18h, com o espetáculo gratuito *Tambores do Mundo*, reunindo ministrantes e participantes das oficinas.

Zé Ramalho celebra cinco décadas de carreira

O cantor e compositor paraibano Zé Ramalho desembarca em Porto Alegre com a turnê *Show de Sucessos - Vol. 2* no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). O espetáculo será nesta sexta-feira, às 21h, e celebra cinco décadas de trajetória artís-

tica do músico, reunindo grandes êxitos de sua discografia, como *Admirável Gado Novo*, *Chão de Giz*, *Avôhai* e *Frevo Mulher*. Restam bilhetes apenas para os setores de pista lateral e mesa bistrô, com vendas na Sympla.

Com uma carreira marcada

pela convergência entre a sonoridade nordestina, o rock e a poesia lírica, Zé Ramalho construiu uma vasta obra com mais de 30 lançamentos, incluindo releituras de Bob Dylan e Beatles e o recente álbum de inéditas *Ateu Psicológico*, lançado em 2022.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 09 DE OUTUBRO

⌚ 18h - *Noites Avantes + Problemón*, com rapper paulista Novíssimo Edgar e DJs Andrey, Done Tone e 598 em noite de reggae e latinidades na Rádio Agulha (Crist. Colombo, 545). R\$ 50,00 no Sympla.

⌚ 20h - Zona Cultural (Alberto Bins, 900) recebe o *Cabaré das Insistentes*, com artistas 50+ em números de teatro, música, dança e drag. Entrada franca, com distribuição de senhas a partir das 19h.

⌚ 20h - Peça de autoficção de Julio Conte, *Todas As Minhas Mortes* está no Teatro Renascença (Erico Verissimo, 301). Entre R\$ 45,00 e R\$ 90,00 no Sympla. Repete sáb (20h) e dom (18h).

⌚ 20h - Monólogo *O Menino que Devorou o Mar*, integrante da pesquisa cênica Trilogia do Cárcere, é adaptação do Coletivo Nômade para a autobiografia *Antes que Anoiteça*, de Reinaldo Arena. No Estúdio Stravaganza (Olinto de Oliveira, 68). R\$ 60,00 no Sympla. Repete sábado (20h) e domingo (19h).

⌚ 20h - Tributo Star Beatles revisita a trajetória dos Fab Four no Teatro da Amrighs (Ipiranga, 5.311). Ingressos no site Blueticket.

⌚ 21h - *Encontro de Harmônicas* reúne nomes do blues gaúcho no Grezz (Alm. Barroso, 328). A partir de R\$ 30,00 no Sympla.

⌚ 21h - Pirisca Grecco e a Comparsa Elétrica celebram os 20 anos do disco *Bem de Bem* no Espaço 373 (Rua Comendador Coruja, 373). Ingressos a partir de R\$ 35,00 pelo Tri.RS.

⌚ 21h - Espetáculo de *stand-up* *Netas de Dercy* leva humor feminino, irreverência e solidariedade ao Workroom (Vicente da Fontoura, 1.619). A partir de R\$ 20,00 no site Comédia Ingressos.

SÁBADO, 10 DE OUTUBRO

⌚ 15h - *A Menina Onça* une atores e bonecos de papelão em encenação sobre infância e identidade. No Teatro Bancários RS (Fernando Machado, 820). Gratuito, reservas pelo Sympla.

⌚ A partir das 19h - Festa de 3 anos do Grezz (Alm. Barroso, 328), com Grezz Band, bebidas e gastronomia. Entrada franca.

⌚ 19h - Duda Calvin, vocalista da Tequila Baby, comanda a Rocktoberfest com a banda The Punk Rockers, no Espaço Marin (Cecy Cordeiro Thofehr, 413). A partir de R\$ 30,00 pelo Sympla.

⌚ A partir das 20h - Uma Noite de Mormaço traz shows autorais de rock e MPB com Xico Chagas Trio, SoyBoyz e Mormaço. No Marquise 51 (Cristóvão Colombo, 51). Ingressos no Sympla.

⌚ 21h - Evento coletivo Show de Trap, com Alee, Yunk Vino, Derek, Leviano, Jovem Dex e Desiik e participações de Klisman, PHL Notunrboy, Jimmy, Senndy e Emitt Único, na POA Arena (Severo Dullius, 1.995). A partir de R\$ 55,00 no Sympla.

⌚ 21h - Pianista Bianca Gismonti e violonista português Manuel de Oliveira apresentam show em duo com fado, jazz e MPB no Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). Ingressos no Tri.RS.

⌚ 21h - InDuo recebe Nico Bueno e Kesso Fernandes para show especial em quarteto, revisitando temas de jazz e MPB em formato instrumental. No Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). Antecipados a R\$ 50,00 em cafefonfon.com.br; na hora, R\$ 60,00.

⌚ 23h - Edição de aniversário de 18 anos da festa *open bar* Rock N Bira no Opinião (José do Patrocínio, 834). Tributos a Slipknot, Charlie Brown Jr, Mamonas Assassinas, Blink 182, Rage Against the Machine e The Pretty Reckless. R\$ 109,00 no Sympla.

DOMINGO, 11 DE OUTUBRO

⌚ Das 11h às 19h - Viaduto Ildo Meneghetti (conhecido como Viaduto da Vasco, na esquina da Vasco da Gama com Ramiro Barcelos) recebe a Feira Mosaico, com expositores locais, gastronomia, música e ocupação urbana. Entrada franca.

⌚ A partir das 15h - Matheus & Kauan fazem tarde de sertanejo e pagode ao pôr do sol na Fly 51 (Augusto Severo, 797). Abertura de Benzadeus. Ingressos no site da GDO Produções.

⌚ 15h - *Bonecos de Pau* reúne esquetes sem diálogos, baseadas no teatro de bonecos e formas animadas. No Teatro Bancários RS (Fernando Machado, 820). Gratuito, reserva pelo Sympla.

⌚ 18h30min - Show Chaise Brothers & Amigos celebra 12 anos do Bárbaros (Ramiro Barcelos, 1.792) com participações de Frank Jorge, Marcelo Gross e Wander Wildner. Gratuito.

⌚ 19h - *Contos da Floresta* usa o teatro de bonecos para contar uma história ligada ao folclore brasileiro. No Teatro Bancários RS (Fernando Machado, 820). Gratuito, com reserva pelo Sympla.

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE OUTUBRO

⌚ 16h - Espetáculo *Trapos e Farrapos - Negrinho* combina narração, bonecos e teatro de sombras para revisitar conto clássico do folclore gaúcho. No Teatro Bancários RS (Fernando Machado, 820). Gratuito, com reserva pelo Sympla.

reportagem cultural

Quando a música vira sentença

Cristiano Bastos*

Entre gravar um disco e fazê-lo chegar ao público existe uma rede de relações, estratégias e oportunidades que nem sempre está ao alcance de um artista independente. É nesse espaço que atua a Frase Records, selo criado em São Leopoldo e atualmente sediado em Porto Alegre, dedicado a aproximar artistas, cenas e diferentes possibilidades de atuação no mercado musical.

Mais do que disponibilizar músicas nas plataformas digitais, o trabalho envolve construir redes, ocupar palcos, chegar a festivais, dialogar com a imprensa e estabelecer conexões com curadores e distribuidores. Criado pelo músico da Supervão, produtor e pesquisador Mario Arruda, o selo nasceu em uma cidade com forte trajetória ligada ao rock e à música independente. Hoje, trabalha com artistas

de diferentes vertentes, procurando conciliar identidade autoral, experimentação e profissionalização.

Ao explicar os critérios que orientam o catálogo, Arruda destaca a importância de artistas que estejam efetivamente envolvidos com a própria produção. “Trabalhar com artistas que propõem estéticas, que vivem a música mesmo. Pegar esses artistas que têm essa vivência real e cultural, inseridos numa cena ou envolvidos em fazer um circuito de shows”.

O catálogo traduz essa diversidade. A Supervão ocupa posição central, com álbuns como *Amores e Vícios da Geração Nostalgia*. O selo também reúne nomes como Carlinhos Carneiro & Os Excelents Anímais, que lançou *Hotel Ritz*, além de Shaun, Delmore, Viana Moog e Asterisma.

A presença de Carlinhos Carneiro, compositor porto-alegrense que alcançou reconheci-

mento nacional com a Bidê ou Balde e teve passagem por uma grande gravadora, ajuda a dimensionar a proposta do selo.

Ao escolher a Frase para lançar seu primeiro disco solo, ele buscava justamente “a diversidade e o frescor das coisas que estão acontecendo agora”. Para Carlinhos, a ligação com a Supervão e a origem são-leopoldense do selo formavam uma “tempestade perfeita”.

Arruda também aponta um critério mais subjetivo na escolha dos artistas: o envolvimento existencial com seus projetos. Nesse sentido, a Frase funciona como uma ponte entre criação e mercado, sem abandonar o caráter autoral dos projetos que abriga. Uma frase pode ser apenas uma sequência de palavras – ou carregar uma ideia, uma identidade e uma posição. Na Frase Records, a sentença ganha ritmo, timbre e forma: vira música.

Canoas sim, Porto Alegre não

Canoas não é Porto Alegre – e o rock produzido na cidade tampouco precisa ser entendido como uma extensão da Capital. É justamente essa afirmação que está no centro de *This Is Canoas, Not Poa*, documentário de Wender Zanon que resgata quatro décadas do rock independente e *underground* canoense. Com duas horas de duração, o longa reúne mais de 70 depoimentos e referências a 320 bandas.

O título faz uma brincadeira com *This Is Boston, Not L.A.*, coletânea lançada em 1982 pela Posh Boy, selo californiano que reuniu no disco bandas do punk de Boston, ajudando a registrar aquele circuito em contraposição ao de Los Angeles. Ao adaptar a ideia para Canoas, o filme desloca essa provocação para a Região Metropolitana de Porto Alegre: há uma história própria sendo contada, com personagens, lugares e formas de organização que não dependem da chancela da Capital.

A produção percorre os pioneiros dos anos 1980 – Apocalipse, Contrabanda e Flávio Adonis –, ligados ao chamado ‘Woodstock canoense’, realizado no Parque Capão do Corvo. Depois, chega à geração do Gullys e do Estúdio Purple, espaços importantes para o desenvolvimento do metal, do punk e do hardcore, com nomes como Necrófago, Suicídio Nuclear, CxFCx e I.C.H.

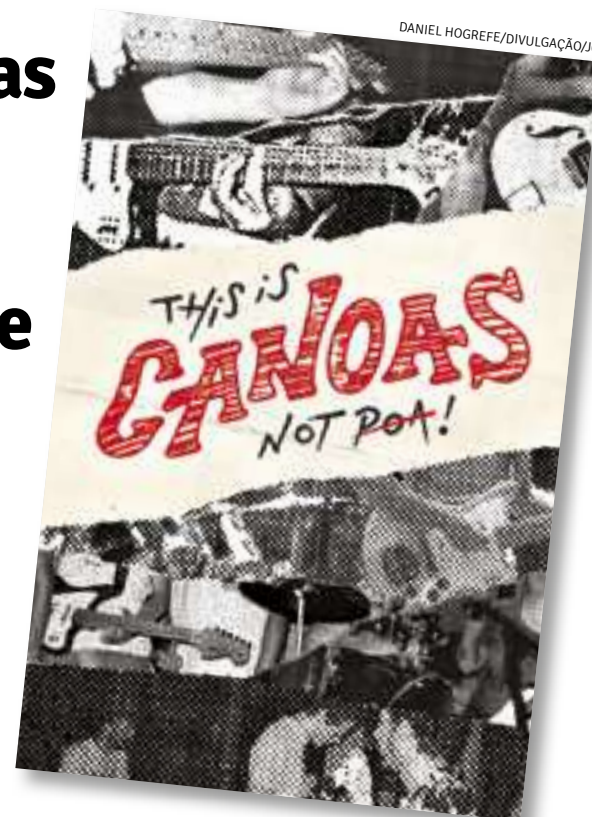
Mais adiante, o filme chega à produção alternativa em alta no período pré-pandemia, com Paquetá, Mondo Calado, Aster e The Fliers. Mais do que um inventário de bandas, *This Is Canoas, Not Poa* discute a construção coletiva de uma cena musical e os desafios de manter uma produção artística ativa fora das capi-

tais. Para Zanon, o foco está justamente no ordinário. “Eu cresci ouvindo uma história oral de grandes feitos de bandas que tinham reconhecimento no seu nicho, no seu circuito”, conta.

O cineasta acredita que o filme consegue traduzir a dimensão simbólica da produção cultural fora da Capital sem tratá-la como algo extraordinário. “O filme mostra como uma cidade, um bairro se movimenta, como as pessoas fazem música e como isso está presente no dia a dia”, observa.

A obra audiovisual também expõe as engrenagens que permitem aos músicos canoenses desenvolver seu trabalho. “Quando existem condições – desde ter poder aquisitivo para comprar equipamentos até ter uma loja de discos na cidade, estúdios de ensaio e lugares para tocar –, a cena funciona junto”, afirma. Na percepção de Zanon, a cultura precisa ser acessível a todos, permitindo que as pessoas trabalhem, desenvolvam e apresentem sua criatividade. “*This Is Canoas* trata justamente desse mecanismo que faz a cena acontecer.”

Ao reunir depoimentos de diferentes gerações e referências a centenas de bandas, o documentário funciona também como um arquivo de uma produção musical que atravessou décadas. O registro recupera espaços, personagens e experiências que ajudam a compreender como a música independente se desenvolveu em uma cidade à margem dos grandes centros de decisão cultural.



DANIEL HOGREFE/DIVULGAÇÃO/JC



OLHO MECANICO/DIVULGAÇÃO/JC

Formada em São Leopoldo, a Supervão é uma das bandas de destaque na cena de rock alternativo da Região Metropolitana

Cristiano Bastos é jornalista e autor de *Julio Reny – Histórias de amor e morte* (Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra, Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer e Gauleses irreduzíveis – Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, *100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes*.

Marginais e suburbanos

De Canoas, Alvorada, Esteio, Novo Hamburgo e Viamão, artistas de diferentes gerações e linguagens revelam como é construir uma trajetória musical fora do centro de Porto Alegre. São experiências marcadas pela distância, pela criação de redes próprias e pela necessidade de inventar caminhos para fazer a música existir.

Maria Bejarano

“Eu não venho da música.” A confissão de Maria Bejarano, que se autodenomina theboddah, condensa uma experiência que tem início na escrita e se estende pela fotografia, poesia, colagem e moda sustentável. Atualmente,

a artista também alimenta aspirações ao design gráfico.

Natural

de Canoas, a artista visual e musicista, que se reconhece como

não-binária e queer,

chegou aos palcos por uma via pouco convencional: apresentando aos integrantes da esteiense Frigor um poema antigo de sua autoria. A experiência acabou ganhando uma sonorização e abriu caminho para

seu ingresso no grupo. “Meu sonho inicialmente era ser escritora ou fotógrafa de show”, recorda.

Quanto ao rígido *status quo* que, segundo ela, rege o circuito musical da Capital, theboddah identifica limitações de acesso e visibilidade. “Em Porto Alegre, por exemplo, só toca em lugares com visibilidade quem tem contatos ou toca gêneros musicais mais palatáveis, ou bandas cover, que é o que dá grana.” A crítica se contrapõe à linguagem musical e estética da Frigor, que, nas suas palavras, “gosta de brincar com gêneros e embaralhá-los”. Agora a banda prepara o lançamento de seu primeiro EP, *A Arte da Enganação*.

Lú Barata

Ligada aos preceitos do punk e à militância cultural, Lú Barata leva ao palco, com a Lo Que Te Voy a Decir, questões relacionadas à violência de gênero, à exploração e ao preconceito. Baixista e vocalista da formação composta somente por mulheres, cujas integrantes estão divididas entre Esteio e Novo Hamburgo, ela define a proposta do grupo de maneira direta: “Nós transformamos o palco em um show-manifesto”.



Lú Barata

As dificuldades se acen- tuam quando entram em pauta temas como gênero e sexualidade. Lú é direta: “Se tu tocas bem, vem o comentá- rio: ‘nossa, tu tocas

como um homem!’, se tocas mal, é porque é mulher. É julgamento de todos os lados: pela roupa que tu usas, com quem te relacionas, como tu tocas, como tu te posicionas.” A experiência se traduz na própria definição que faz da formação: “Não somos só uma ‘banda de mina’. Somos um show-manifesto, o desconforto trazendo as realidades violentas”, contesta.

Thai Serrão

“Ser mulher ‘na cena’ por si só já é complicado; ser uma mulher preta, nortista e lésbica às vezes se prova ainda mais”. A constatação de Thainara Farias, conhecida como Thai Serrão, condensa sua experiência como baixista da Fúlsia, banda de Alvorada que condensa

rock, samba, ska, metal, reggae, jazz e funk. Integrante do grupo desde 2018, Thai chegou ao instrumento quase por acaso: a Fúlsia havia perdido dois de seus músicos devido à divergências políticas, e então dispôs-se a assumir o baixo. “Me dispus a aprender um instrumento novo, entender como se faz música e, sobretudo, para sacar o funcionamento do lance todo.”

Nem sempre o cenário lhe foi gentil. Entretanto, sua identidade acabou por tornar-se também afirmação. “O público abraçou o que eu sou, porque, de alguma forma, eu representava o que eles eram”, diz Thai. Depois dos shows, lembra, meninas e mulheres vinham parabenizá-la por vê-la to- cando “com energia e com brilho”. Entre os perrengues e a necessidade de pagar para tocar, a recom- pensa está em através da música ser- vir de exemplo.

“Uma menina que por ventura estiver assistindo a um show nosso corre o risco de perceber que ela também



Matheu Corrêa

pode, com a música, contar suas histórias, pode cantar suas verdades e ser celebrada.”

Matheu Corrêa

De Viamão, o guitarrista e compositor Matheu Corrêa vem construindo uma sonoridade que cruza rock, soul, funk e blues com referências da cultura afro-gaúcha. Seu primeiro álbum, *Meu Black É Rock*, saiu em 2019. Desde então, Matheu lançou singles e prepara *Declosão*, no qual amplia esse diálogo ao incorporar elementos de *afrobeat* e *soul funk*.

Como músico e arte-educador, Matheu circula por Viamão, São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Esteio, Guaíba e Porto Alegre, conectando diferentes espaços de criação e frentes de trabalho. “É sobretudo a proximidade local a maior potência das nossas cenas”, afirma.

Essa perspectiva estará presente em *Declosão*, que contará com a participação de Mestre Edu do Nascimento, filho de Giba Giba, tocando sopapo. “Trazer o sopapo para dentro do meu trabalho é também aproximar o rock das tradições afro-gaúchas e criar novos diálogos entre essas linguagens”, define Matheu.

Escutas, ruídos e riffs da cartografia marginal

Por Homero Pivotto Jr.

Jornalista e entusiasta do cenário independente, Homero Pivotto Jr. integra o Novo Rock Gaúcho, projeto que busca reverberar a produção autoral da música gaúcha

► Aster — O Que Não Se Quer Perder

EP, 2025 — Canoas

Sonoridade para encarar a rotina exasperante. O quarteto aposta no hardcore melódico e flerta com outros subgêneros alternativos. A verve punk se destaca nas letras, com questões sociais e filosóficas. O EP reúne cinco composições e dois interlúdios, cada um registrado em um estúdio diferente de Canoas — saga que está documentada em vídeos no canal da banda no YouTube.

► Lo Que Te Voy a Decir — Revolte-se

Single, 2019 — Novo Hamburgo/ Esteio

Há muito o que dizer, e elas falam na cara, principalmente sobre luta e direitos das mulheres. O recado dado pelas integrantes vem, sem concessões, no formato de hardcore/punk. Já as letras são fortes e a execução é intensa. O *power trio* ainda conta com poucos registros nas plataformas, mas já fez a gravação de novo material, previsto para ser lançado ainda este ano.

► Ovo Frito — Ovo Frito

EP, 2024 — Canoas

Prato cheio para quem gosta de rock alternativo temperado com psicodelia, referências retrô, MPB e pitadas de jazz. Ativa desde 2021, em suas letras a banda versa sobre afetos, ciclos e sensações do cotidiano, trabalhando sensibilidade sem, no entanto, perder intensidade. Também chama atenção pelos shows cativantes e pela qualidade de suas composições.

► Boca Braba — Ao Vivão & Vivendo

Álbum, 2025 — Viamão

Os guris são brabos — e mostram isso no estúdio e no palco, como destaca esta gravação ao vivo, captada durante o festival Rock na Praça, em Esteio. Com sons que percorrem mais de dez anos de trajetória, a Boca Braba une metal, hardcore e rap para expressar vivências e visões de mundo.



► A Virgo — Dois verões ou a viagem de sífero

Álbum, 2025 — Novo Hamburgo

Com diferentes formações ao longo de sua existência, A Virgo transita por searas musicais variadas. Grosso modo, é rock alternativo, mas incorpora *lo-fi*, psicodelia contemporânea, R&B e música brasileira. O resultado disso traduz-se em uma trilha sonora ideal para curtir a brisa do fim de tarde.

► Fúlsia — Tão Jovens

Single, 2025 — Alvorada

O quarteto define seu som como rock eclético — e isso faz sentido. Além do gênero que popularizou a guitarra no século passado, o receituário incorpora ritmos brasileiros. *Tão jovens*, o lançamento fonográfico mais recente feito pela Fúlsia, é um tema forte, com peso sonoro e boas sacadas na letra sobre a inexorável passagem do tempo.

► Chute no Rim — Mastigando Caco de Vidro

EP, 2026 — Alvorada

Sim, é um coice: hardcore metalizado — ou metal hardcorizado? — carregado de crítica social. Com mais de 20 anos de atuação no *underground*, o trio materializa essa experiência nas três músicas aqui contidas, que dão o recado de maneira objetiva sobre a crueza da vida moderna.

► Escabroso — Ilegalismo por Princípio

Álbum, 2025 — Viamão

O nome da banda faz jus ao som — e isso não é, de forma alguma, um demérito. Trata-se de som extremo, mincore (subgênero derivado do grindcore), feito por criaturas desviantes e cheias de revolta. Esqueça o primor técnico: o negócio é barulho para passar a mensagem de quem está cansado dos padrões.



► Green Eyes Soul — Soul.

Álbum, 2025 — Sapucaia do Sul

No álbum que marca sua estreia fonográfica, a Green Eyes Soul transforma as próprias experiências em matéria musical. Em seu repertório, *Soul* revela o olhar de uma alma inquieta sobre o fazer artístico. Indie rock, rap, soul e samba mesclam-se e criam uma sonoridade de contornos contemporâneos.

► Boneca Voo Doo — A Bizarra Viagem Entre Céu e Inferno

Álbum, 2022 — Estância Velha

A Boneca Voo Doo percorre há duas décadas os descaminhos e as encruzilhadas do rock, embora somente em 2019 tenham surgido seus primeiros registros fonográficos. Este é o álbum mais recente do grupo, reunindo 13 canções. Para quem aprecia o metal alternativo, o disco oferece um repertório no qual alternam-se momentos de agressividade e melodia.

nas telas



Jessica Chastain é uma das protagonistas do terror doméstico *Outra Mãe*, de James Wan

Estreias nos cinemas

A mãe maléfica que se esconde no armário

Chega aos cinemas neste final de semana um *thriller* doméstico que traz para o centro da trama a maternidade e as relações familiares. Produzido por um dos grandes nomes do terror contemporâneo, James Wan, *Outra Mãe* tem nomes como Jessica Chastain (*Interstellar* e *It: Capítulo 2*), Arabella Olivia Clark (*A Empregada*) e Jay Duplass (das séries *Transparente* e *Industry*) em uma aterrorizante história que

inicia em brigas conjugais e se estende ao sobrenatural. A pequena Bela (Arabella Clark) tem de lidar com o casamento falido de seus pais (Chastain e Duplass) quando uma entidade idêntica à mãe começa a sair do seu armário durante a noite. O que antes parecia fruto da imaginação da criança começa a ter efeitos devastadores na dinâmica da família: a sinistra criatura está decidida a ocupar o lugar da mãe real.

Humanos contra alienígenas na fronteira coreana

Uma tragédia de proporções cósmicas é o centro da história de *Hope - O Primeiro Impacto*. A produção sul-coreana que chega aos cinemas neste final de semana mescla atores internacionais, como Michael Fassbinder (*Bastardos Inglórios*), Alicia Vikander (*A Garota Dinamarquesa*), Hwang Jung-min (*12.12: O Dia*) e Hyeon (*Round 6*). A trama se passa em uma vila remota próxima à Zona Desmilitarizada da Coreia do Sul. Lá, autoridades recebem alertas de que um

tigre está à solta, causando destruição por onde passa. Mas, ao verem o estrago colossal supostamente causado pelo animal, os investigadores concluem se tratar de alguma força oculta. Do outro lado da história, estão quatro alienígenas que chegaram à Terra após a queda de uma nave -- todos estrelados pelos atores americanos. No longa, humanos contra criaturas estrangeiras humanizadas trazem à tona muito mais que a batalha entre ETs e terráqueos.

Se Eu Fosse Você 3

Um raio pode cair pela terceira vez no mesmo lugar? Em *Se Eu Fosse Você 3*, sim. A famosa troca de corpos que marcou o cinema brasileiro há exatos 20 anos volta às telonas neste final de semana- agora, com novos personagens. No novo filme, a metamorfose acomete uma nova geração da família de Cláudio (Tony Ramos) e Helena

(Glória Pires). Dirigido por Anita Barbosa, o longa traz a filha Bia (Cléo Pires) já adulta e casada com Aquiles (Rafael Infante). Seguindo a lógica das produções anteriores, o casal vive uma crise matrimonial e acaba passando pela mesma maldição que ensina a empatia ao pé da letra: estando, literalmente, no lugar do outro.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Meninos de (?): os Beatles	Guia posto nos sarcófagos egípcios	Referência (abrev.)		↓	Marca da velhice na pele	Presença de ar no espaço pleural	Vilã de "Vale Tudo" (TV)	↓	Técnica oriental de digito-pressão
		Que não são aceitáveis	O (?) metal: o dinheiro						
Reduzida propriedade agrícola	↓	↓	↓		↓	↓	↓		
↓									
↓				(?) Davis, atriz de "Thelma & Louise"	↓				
O feito do baço			O antigo Ceilão	↓				Lábio, em inglês	
Mesquita localizada em Jerusalém	↓		Salto, em francês	↓				↓	Polidor amarelo de metais
Tapume comum em escritórios	↓				Capital do (?): Picos, no Piauí	↓			
Cintura (de saias)	↓								
↓			Computador portátil (Inform.)	↓					Que denotam fragilidade
				↓	Minha e tua			Parceiro musical de Noel Rosa	↓
Marta (animal), em inglês	↓				Setor de agências de propaganda (sigla)	↓		↓	
↓					Sentir prazer afetivo	↓			
Depressão da retina (Anat.)	↓				Elevado no preço (fam.)	↓			
Acusado em juízo	↓					Sílabas tônicas de "miasma"			↓
Cacoete; trejeito	↓					↓	A segunda série do futebol brasileiro		"(?) City", HQ de Frank Miller
↓							↓		
Arbusto cultivado pelo rodólogo		"O (?) Polegar", conto de fadas	↓	Capital europeia arrasada em 1775	↓				

BANCO 3/llp — sin. 4/mlink — rtvc — saut. 5/acros — fôvea — geena. 6/laptop. 33

ASSINE COQUETEL E SE DIVIRTA ONDE ESTIVER!

Receba suas revistas favoritas no conforto da sua casa.

Desafio, Fácil, Casa, Filma, Eritoc, Pico

WWW.ASSINECOQUETEL.COM.BR

Siga a gente nas redes sociais: coquetel, editoraCoquetel

Solução

A	O	B	S	L	P	S	
C	V	A	R	I	E	S	R
S	I	N	E	U	E	T	
O	D	X	P	U	E	R	
C	V	A	V	A	V	O	F
R	V	T	R	A	N	I	W
V	I	O	N	O	S	S	V
P	O	T	P	L	S	O	C
V	I	R	O	S	I	V	I
T	E	W	R	V	W	O	
C	T	I	U	V	S	D	R
V	N	E	E	G	T	V	A
O	I	D	N	U	F	I	N
T	O	O	P	E	R	V	I
D				R			

Horóscopo

Áries: Você tende a ser ranzinza e preciosista com as pessoas com quem divide ou partilha algo importante. É preciso ter mais boa vontade para que tais relações melhorem.

Touro: Sua atitude nas relações pessoais será pressionada e você terá que mudar algo em sua maneira de ser. É preciso aprender a compartilhar de uma maneira mais confiante.

Gêmeos: Pequenos encantos na vida doméstica podem fazer deste dia um momento feliz. Mesmo que você tenha que se virar para dar conta de tarefas exigentes em seu trabalho.

Câncer: Não adianta apenas pesar responsabilidades sobre a vida amorosa. É preciso colocar ordem nesta, mas sem exceder no peso. No trabalho, reorganize os procedimentos.

Leão: O ambiente familiar pode ficar tenso se você insistir em cobrar das pessoas o que você julga ser o mais correto. Facilidade nas negociações e nas atividades de rotina.

Virgem: Você pode usufruir coisas agradáveis, e isso trazer bem estar e reconforto. A comunicação com as pessoas está prejudicada pela desconfiança e pela resistência.

Libra: Uma sensação de conforto e bem estar pode estar presente de maneira espontânea. Por outro lado, os negócios só vão bem depois de você aceitar negociar com flexibilidade.

Escorpião: O trabalho obriga você a se organizar, mesmo contra a sua vontade - que talvez seja a de se dispersar em muitas coisas. Pense que você precisa ser mais produtivo por agora.

Sagitário: Uma melhor comunicação pode ajudar muito no relacionamento amoroso. Não obrigue os outros a descobrirem o que você está sentindo ou o que você deseja.

Capricórnio: Procure arejar mais sua casa, literal ou figuradamente. Não fique preso aos problemas imediatos, mas procure fazer de sua casa um ambiente positivo e interessante.

Aquário: Sua atitude no trabalho precisa mudar, pois há algo que não está funcionando bem. Procure se inspirar nas pessoas que trabalham na mesma área e que você admira.

Peixes: Não fique preso nas dificuldades materiais imediata. Erga os olhos e pense a médio prazo qual a orientação melhor para a vida financeira, e também para seu trabalho.

Gregório Queiroz / Agência Estado



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Tailor Diniz e o submundo de Porto Alegre

Tailor Diniz, multipremiado jornalista, escritor e roteirista, é autor de vinte e cinco livros, entre eles *A superfície da sombra*, *Crime na Feira do Livro* e *Transversais do tempo*, além de obras traduzidas na Bulgária e na Alemanha. É dos principais autores brasileiros de policiais. Seu policial mais recente, *Os perigos da noite* (L&PM Editores, 200 pág, R\$ 89,90), lançado há pouco, é a sequência do policial *Perigo na esquina*, que apresentou o culto, sarcástico, inteligente, malandro e matreiro detetive Boccanera e sua sócia vitalícia, a *caliente*, linda, curvilínea e eficiente investigadora e trabalhadora do sexo Camilinha. Se conheceram numa calçada da Farrapos. Vieram para ficar.

Com a bela grana do último trabalho Boquinha ajeitou seu JK na volta do Gasômetro, para melhor receber clientes e Camilinha, parceira e amiga colorida de todas as horas. A narrativa

fluente, as referências bem colocadas e os diálogos vivos foram inspirados no *noir* americano, tipo Dashiell Hammett, Raymond Chandler e Patricia Highsmith, com suspense, humor ácido, crítica social e reviravoltas e inicia com o pecuarista de guaiaca gorda procurando a dupla por causa de um vazamento de *nudes* que poderia queimar o filme dele com a família. O fazendeiro não é trigo limpo, mas quem no fundo é?

O submundo de Porto Alegre do bairro Floresta, distrito erótico e adjacências, com seus chefes de territórios, baladas e tráfico de drogas é o cenário da investigação que vai derivar para outros acontecimentos trepidantes, de ordem sexual, criminal, policial e jornalística. Não dou *spoiler*, leia o livro com prazer. Boccanera é cancheiro, puta velha, e sabe que detetive tem que se dar com policiais, jornalistas, psiquiatras e advogados de porta de cadeia



para sobreviver.

Mas quem são os “cidadãos de bem” e os bandidos neste país de elites, classes médias e povões contraditórios? Na noite de Porto Alegre, nem todos os gatos são pardos, tem branquinhos, amarelinhos e loirinhos tipo persas e siameses, mas no fundo podem ser uns baita vira-lataços.

e palavras...

O DECLÍNIO DO OCIDENTE

A civilização global sobreviverá ao declínio do Ocidente? A questão é o tema central da grande obra *A nova ordem mundial* (Crítica-Editora Planeta, 484 pág, R\$ 93,00), de Amitav Acharya, renomado escritor e professor de Relações Internacionais na American University, em Washington, lançada há poucos dias.

Ensina o autor que desde o início do século XXI o Ocidente está em crise, com a polarização política e a ascensão de outras grandes potências ameaçando desestabilizar a atual ordem mundial. Muitos temem que isso leve ao caos global, mas o fim do domínio dos EUA e do Ocidente seria realmente tão ruim?

Depois de examinar com clareza e profundidade cinco mil anos de história global, Amitav revela que a ordem mundial – a arquitetura política que permite cooperação e paz entre as nações – existia muito antes da ascensão do Ocidente e da atual globalização. Partindo da antiga Suméria, Índia, Grécia e Mesoamérica, passando pelos califados medievais e impérios eurasiáticos até o presente, Acharya mostra que valores humanitários, interdependência econômica e regras de conduta entre Estados surgiram em diversas partes do mundo ao longo de milênios.

Para Acharya, a história sugere que a ordem continuará a existir mesmo com o recuo do Ocidente e que, na verdade, o fim da predominância ocidental nos oferece a oportunidade de construir um mundo melhor, no qual as nações não ocidentais tenham mais vez, poder e prosperidade. Ao invés de temer o futuro, sugere o autor que o Ocidente pode aprender com a história e cooperar com o

restante do mundo para conceber uma ordem mais justa.

A Velha Ordem Mundial foi de 1945 a 1991, período da Guerra Fria com o mundo dividido em dois blocos, capitalista liderado pelos EUA e socialista liderado pela URSS. A Nova Ordem Mundial pós-1991 está sendo marcada pelo fim da União Soviética, hegemonia econômica multipolar (com potências como a China e a União Europeia) e poder militar unipolar dos Estados Unidos.

A Velha Ordem se apoiava na rivalidade das duas potências. A Nova Ordem tem um cenário global complexo, fragmentado e centrado em múltiplos polos de poder. O cenário atual aponta, segundo Acharya, para um mundo *multiplex*, onde o Ocidente divide protagonismo com novas potências globais e regionais.

Na Velha Ordem as regras eram ditadas pelas duas potências. Na Nova Ordem existe a ascensão do Sul Global e a contestação do domínio político e cultural ocidental. Na Velha Ordem havia organismos de controle hegemônico (ONU, FMI e Banco Mundial), alinhados ao Ocidente. Na Nova Ordem surgiram novas coalizões e blocos alternativos (Brics+, Organização para Cooperação de Xangai).

Para Acharya, na perspectiva da geopolítica moderna, a ascensão da China e outros países emergentes não deve ser vista como uma ameaça de caos, mas como um retorno à pluralidade histórica. A China se consolidou como superpotência e rivaliza com os EUA, e países como Índia, Brasil, África do Sul e os novos membros dos Brics+ deixaram de ser meros espectadores, sendo ‘potências médias’.

Lançamentos



► **A vida como ela foi** (Bah Editora), belíssima coletânea de crônicas que retratam momentos da vida pessoal e profissional do jornalista Fernando Albrecht, consagrado e querido colunista deste *Jornal do Comércio* que você está lendo, está à venda, com muito sucesso, nas lojas Panvel do Shopping Total e do Iguatemi e filiais Osvaldo Aranha 1.328, Cavallhada 3.860, Andradas 1.238 e 24 de Outubro 1.465, entre muitas outras.



► **Mentes que brilham, virtudes que se apagam** (Matrix, 248 pág, R\$ 89,00), do jornalista e professor Caio Túlio Costa, que trabalhou 21 anos no Grupo Folha, analisa grandes gênios sob a lente da era do cancelamento. Caio investiga as contradições morais de grandes da filosofia, da política e das artes, como Maquiavel, Immanuel Kant, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, T.S. Eliot e Ezra Pound, entre outros.



► **Supremos dilemas** (Nova Fronteira, 192 pág, R\$ 59,00), de Anderson Schreiber, professor de Direito da UERJ e da FGV, parte da pergunta: como você julgaria as causas mais difíceis do mundo? A obra traz dez casos, de vários países. Mary del Priore, no prefácio: “em tempos marcados pela velocidade das opiniões e pela polarização nos debates públicos, o livro oferece algo cada vez mais raro: a oportunidade de pensar.”

A propósito

Para Acharya, nenhum mundo foi utopia, nem o nosso, e nem o mundo futuro será. No passado, civilizações se chocaram, mas agora poderiam aprender umas com as outras e cooperar. A história não acabará, seguirá em frente. *Multiplex*, conceito criado por Acharya, mostra que o mundo atual parece um cinema *multiplex*, com

várias salas, vários filmes ao mesmo tempo, com diretores, atores e tramas distintos, mas sob o mesmo teto. Múltiplos protagonistas, múltiplas lideranças, tramas simultâneas e interconectividade complexa, redes sociais e *big techs*: este é nosso novo mundo sem porteira, se é que algum dia ele teve alguma.

(Jaime Cimenti)

sangue novo

Posada faz das raízes sua Flecha Envenenada

Joana Luna Camargo

Aos 5 anos, a porto-alegrense Paula Posada, filha de mãe bele-nense e de pai de ascendência colombiana, tinha aulas de violino, por incentivo paterno, e cantava no coral de uma escola de música - memórias a que somou, mais tarde, à banda de fanfarra do colégio. É a mesma artista, DJ e produtora que agora voltou a Belém, cidade onde passava temporadas de férias desde a infância, para gravar o videoclipe de *Madrugada*, já disponível nas plataformas digitais, e dar continuidade ao seu disco de estreia *Flecha Envenenada*, lançado em março deste ano.

Dirigido por Guima Netto, o clipe começa na Matinha, bairro onde a mãe de Posada cresceu, e

segue de bicicleta, hábito da adolescência da artista, pelo Mercado de São Brás, onde ela costuma comprar discos, e pelo Porto Solamar, até chegar a uma travessia de barco no Rio Guamá. Gravar o audiovisual da canção, que transita entre o reggae e o dancehall, na cidade materna, era desejo antigo - "a realização de um sonho", diz.

A herança de uma família longe do próprio território moldou o gosto musical e as pesquisas de Posada. A conexão com essas raízes, segundo ela, "sempre foi muito forte". Em Porto Alegre, porém, a música virou ofício. Em 2013, ainda no cursinho pré-vestibular, circulava pelos movimentos sociais num momento de ocupação do espaço público na cidade e, com amigos, passou a propor



DJ, cantora e produtora lançou primeiro álbum em março, unindo sonoridades brasileiras e estilos como reggae e house

outras formas de ocupar as ruas: com discotecagem.

Nessa época, ela atuava como Dona Ana. Mais tarde, assumiu o sobrenome, em busca de algo que a representasse mais e que, de certa forma, homenageia a origem colombiana do pai. Da mesma movimentação nasceu Arruaça, coletivo autônomo formado por DJs, artistas visuais e produtores culturais, que existe desde 2014 e do qual ela faz parte até hoje.

Posada cursou o bacharelado em Música Popular na Ufrgs e acompanhou de perto as mudanças do curso, que, segundo ela, refletiam o que já acontecia fora

dali, onde atuava. Quando colegas e professores foram conhecer seu trabalho, a descoberta, diz, foi "um choque" - que ela levou para dentro da academia. Em 2019, a residência artística do Projeto Concha, que durou um ano, a fez enxergar a necessidade de começar a também produzir. Na pandemia, escreveu o TCC sobre sua trajetória na universidade como mulher indígena, DJ e produtora.

Desse mergulho nos territórios saiu *Flecha Envenenada*, primeiro álbum autoral, que une ritmos do Norte e Nordeste, como coco e carimbó, a sonoridades globalizadas como reggae, dancehall e

house. Juntar tantos gêneros num só disco trouxe a dúvida: será que tudo aquilo combinava? A resposta veio ao longo do processo. "De alguma maneira, eu estava representando o que faz parte de mim", relembra.

O próximo passo é um novo single, produzido por Diabelsmusiq. "É uma canção de R&B com pegada de dancehall e afrobeat, mais lo-fi e com uma vibe de primavera", conta, sem querer revelar muito. Há apresentações planejadas, ainda sem data, e a ideia é circular em 2027 com banda, repensando os *pocket shows* que tem feito até então.

Qual é a boa?

Durante os anos 1940 e 1950, era comum que emissoras de rádio tivessem orquestra



Durante os anos 1940 e 1950, era comum que emissoras de rádio tivessem orquestras próprias que entoavam canções ao vivo, para o deleite dos ouvintes. Nesta sexta-feira, às 20h, a Ospa recria a atmosfera desta época num espetáculo que homenageia não só a Era de Ouro do Rádio, mas o legado do gigante Lupicínio Rodrigues. *Lupi Vive* foi idealizado como um legítimo programa de rádio, com apresentação do próprio cantor - interpretado por Álvaro RosaCosta - que conduz a plateia por temas como *Nervos de aço*, *Se acaso você chegasse* e *Vingança*. Andréa Cavalheiro e Glau Barros revezam-se com Álvaro nos vocais das músicas. Ingressos no Sympla.

Andressa Pufal, repórter de Cultura-JC



Se você curte histórias reais que parecem roteiro de filme, a dica é maratona os oito episódios da quarta temporada de *Monstros*, na Netflix. Desta vez, a série - que já falou de Jeffrey Dahmer, dos irmãos Menendez e Ed Gein - conta uma das histórias criminais mais famosas dos EUA, a de Lizzie Borden, acusada pela polícia de matar o pai e a madrastra em 1892, mas inocentada pelo júri. Ella Beatty arrasa como protagonista. Outro destaque é a trilha sonora, que mistura rock, punk e clássicos como *Cherry Bomb*, das Runaways, e *I'm on Fire*, de Bruce Springsteen. Boa pedida para quem gosta de histórias que deixam no ar aquela pergunta: afinal, o que realmente aconteceu?

Cristine Pires, editora-assistente de Economia



Para os cinéfilos, a minha sugestão é procurar por *Morte e Vida Madalena*, dirigido por Guto Parente. O longa conta a história de uma produtora de cinema que, grávida e quase dando à luz, vê o filme em que está trabalhando (uma ficção científica de baixo orçamento) prestes a desabar: o roteirista (e pai dela) faleceu, o diretor (seu marido) sumiu e muitos imprevistos ameaçam paralisar a produção. O equilíbrio entre comédia e drama é excelente, e a atuação de Noá Bonoba como Madalena segura a história com maestria. Em um momento tão bom para o cinema brasileiro, esse simpático e divertido filme pode passar despercebido - o que seria uma pena, vá por mim.

Igor Natusch, editor de Cultura do JC



Minha dica para este sábado é o *Show de Trap*, que chega à Poa Arena com abertura da casa às 21h. A proposta é reunir diferentes gerações do gênero e artistas de várias partes do país: Alee, Yunk Vino, Derek, Jovem Dex, Leviano e Dessiik - com participações especiais de Klisman, Jimmy, PHL Notunrboy, Senndy e Emitê Unico. Pra quem gosta de trap, como eu, é a chance de ver nomes consolidados - como Derek, um dos responsáveis por popularizar o trap no país, e o baiano Jovem Dex, dono de NAV - ao lado de quem vem renovando a cena, caso do paulista Dessiik, de 21 anos, que lançou neste ano uma *mixtape* com o cearense Leviano. Ingressos pelo Sympla.

Joana Luna Camargo, repórter do JC